

DECAMERON E A REPRESENTAÇÃO DO DISTANCIAMENTO DOS RITOS FÚNEBRES NA SOCIEDADE MEDIEVAL FLORENTINA (1345-1375).

Naira Almeida Lopes Precioso Sampaio¹

Resumo: Durante meados do século XIV, o endêmico surto de Peste Negra dizimou segundo estimativas cerca de um terço da população europeia, desestabilizando a sociedade, não apenas em um caráter sanitário, mas também, no âmbito psicológico e mental. Nessa pesquisa pretendemos analisar como a sociedade florentina reagiu à epidemia. A fim de compreender as representações realizadas por Giovanni Boccaccio em torno dos distanciamentos dos ritos fúnebres.

Palavras Chaves: Peste Negra, Distanciamento dos Ritos, Concepções da morte, Análise Literária, Decameron.

DECAMERON AND REPRESENTATION OF THE DISTANCING OF FUNERAL RITES IN THE FLORENTINA MEDIEVAL SOCIETY (1345-1375)

Abstract: During the middle of the 14th century, the endemic outbreak of Black Death decimated, according to estimates, about a third of the European population, destabilizing society, not only in a sanitary character, but also, in the psychological and mental scope. In this research we intend to analyze how the Florentine society reacted to the epidemic. Seeking to understand the representations made by Giovanni Boccaccio around the distances from funeral rites.

Keywords: Black Death, Distancing from Rites, Conceptions of death, Literary Analysis, Decameron.

Introdução

As noções e os conceitos de representações unidos às transformações da História Cultural² foram de suma importância para análise de produções artísticas, as quais se encontravam às margens dos documentos oficiais exaltados pela historiografia tradicional. Estas modificações permitiram o seu estudo, e, o considerar do indivíduo como sujeito histórico, o qual seu papel oscila como produtor e receptor da sua cultura. Sendo assim, a expressão literária não foi aceita apenas como o reflexo, ou um espelho de cada sociedade, mas sim, uma forma de representação das estruturas psíquicas, sociais, políticas e econômicas referentes à vivência daquele que a produz³.

¹ Licenciada em História pela Universidade Veiga de Almeida. Endereço eletrônico: naira.lopes.sampaio@gmail.com.

² Tratamos aqui da perspectiva da Nova História Cultural, que ampliou seus conceitos de cultura, e deixou de debruçar-se apenas na literatura oficial. Para José d'Assunção Barros "As noções que se acoplam mais habitualmente à de "cultura" para constituir um universo de abrangência da História Cultural são as de "linguagem" (ou comunicação), "representações", e de "práticas" (práticas culturais, realizadas por seres humanos em relação uns com os outros e na sua relação com o mundo, o que em última instância inclui tanto as "práticas discursivas" como as práticas não discursivas." (2005, p.129)

³ "A cultura de um povo é a expressão de sua individualidade, de suas particularidades e não universal. Cada povo teria um espírito, um gênio próprio que se expressariam realizações individuais nos campos artísticos, intelectuais e morais tomadas em seu conjunto" (FACINA, 2004, p.15).

Em vista disto, Chartier (1991) define representação como um meio de construir significados, cujo não podem ser considerados como reais, mas sim, como imaginados: “Neste sentido, embora as representações aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam” (CHARTIER, 1991, p. 10). Dado que, os discursos contidos possuem estratégias de educar, legitimar ou reformar os indivíduos, estes, como partes da sociedade, também selecionam cada palavra para construir sua representação. Assim, imprime-se o material simbólico em sua linguagem⁴.

Sob este prisma, para utilizar uma documentação tão abstrata quanto a arte e a literatura é necessário destrinchar os contextos sociopolíticos que estão ambientados, pois, “o discurso textual ou imagético torna-se por vezes, o único instrumento, no qual o sujeito-autor e a sua produção deixam marcas de sua existência, passível de ser apreendido e decodificado” (CANDIDO, 2011, p. 13-14). No entanto, estas representações estão expostas a idealização de uma visão homogênea e construída do/no imaginário social. Para a utilização do termo, referiamo-nos à teoria desenvolvida por Bronislaw Baczko (1991), que considera o imaginário social como uma leitura da realidade vivida. Não é homogêneo, nem uniforme, posto que, a ideia desta existência afeta apenas ao grupo que está em consonância a estes pensamentos e vivências.

Por esta razão, a compreensão do simbólico existente nestas documentações permite nos aproximar deste imaginário social. Assim, evita-se “as ilusões de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma ilusão menos ingênua com a linguagem [...] causadas pela opacidade gerada pelo abstrato” (ORLANDI, p.10).

Destarte, vislumbramos a necessidade de analisar as motivações dos discursos produzidos, uma vez que, são indubitáveis as traduções ideológicas e mentais dos homens nas manifestações artísticas. Pois, é por intermédio da arte que é solidificado e materializado o simbólico⁵. Este simbolismo se destaca aos olhos dos homens medievais, posto que, o contexto de mortandade e baixa expectativa de vida; as guerras e os motins; a fome e a grande epidemia de Peste Negra a partir 1345, na Europa Ocidental, motiva a expressão do “espírito da Idade Médio, [que] ainda plástico e ingênuo, anseia por dar forma concreta a todas as concepções”. (HUIZINGA, 1984, p.159)

⁴ Haja vista que, para Cassirer “Todo pensamento”! Seja ele artístico! Mítico! Religioso! Científico ou matemático! É preciso e exato na razão direta de seu simbólico! (CASSIRER *apud* NEIVA, 1993, p. 19).

⁵ No pensamento medieval cada objeto material era considerado como figuração de alguma coisa que lhe corresponderia num plano mais elevado, tornava-se, deste modo, seu símbolo. O símbolo constante era universal, e pensar era uma perpétua descoberta de significações ocultas, uma constante hierofania (LE GOFF, 2005, p. 331-332).

Diante desta evolução da narrativa literária⁶, destaca-se Giovanni Boccaccio (1313-1375), com sua obra *Decameron*, na qual representa um grupo de jovens que se entretém enquanto fogem da cidade de Florença, que por sua vez, encontra-se assolada pela peste. Este caso é relatado de maneira a qual objetiva construir uma imagem concreta dos hábitos, comportamentos, crenças e sentimentos de variados grupos sociais do período. De acordo com a crítica de Nicolau Sevcenko (1988, p.39) por meio da leitura da obra “é possível imaginar uma concepção humana, terrena, prática e uma miserável condição humana e do teatro cotidiano”.

O contexto florentino no século xiv

Florença, o local da fuga dos jovens de Boccaccio, era considerada no início do século XIV, uma comuna autônoma, cujo detinha poder sobre sua região e alguns territórios das cercanias⁷. A região diferenciava-se das demais cidades da Península Itálica pela estrutura política e a liberdade mantida, haja vista que, o governo de Florença era dominado pelas famílias, as quais detinham o monopólio da importação das matérias primas e a venda dos produtos finais⁸.

Por esta razão, os embates pelo poder para governar a cidade eram constantes⁹. Para Alberto Teneti (1973, p.19) “os florentinos permaneceram demasiado tempo presos a sua constituição comunal: até a segunda metade do século XV, não houve tentativas sérias para modificá-la radicalmente, ainda menos para perturbá-la”. No entanto, a partir de 1345, a cidade passa a ser alvo dos castigos divinos, posto que, a justa ira de Deus puniria as sociedades corrompidas.

⁶ Fora da Itália, o que ocorre é uma utilização erudita e refletida de elementos isolados da Antiguidade; dentro dela, trata-se de uma objetiva tomada de partido ao mesmo tempo erudita e popular pela Antiguidade de uma forma geral, uma vez que esta constitui ali a lembrança da própria grandeza de outrora. A fácil compreensibilidade do latim, o montante de recordações e monumentos ainda presentes, estimula decisivamente esse desenvolvimento. Dele e de sua interação com um espírito italiano que se alterou com o passar do tempo – com as instituições do Estado germano-lombardo, com a cavalaria comum a toda a Europa, com as demais influências culturais provindas do Norte, com a religião e com a Igreja – surge, então, o novo todo: o moderno espírito italiano, destinado a tornar-se o modelo decisivo para todo o Ocidente. (BURCKHARDT, 1991, p. 179)

⁷ Para Almeida (2013, p.122) a dominação de outros territórios ocorreu objetivando a manutenção da “sua independência, Florença expandiu-se, notadamente, sobre a Toscana com o pretexto de ter um território que a defendesse. Nesse período, o território florentino cresceu, por meio da conquista e da compra, sobre cidades como Arezzo (1384) e San Miniato (1364)¹³. Contudo, essa estratégia, em médio prazo, modificou as suas estruturas internas”.

⁸ Vale lembrar que houve períodos de senhorio, como exemplos, os casos do rei Roberto de Anjou, entre 1313 e 1321. Em 1320, foi instituído um regime político e institucional que durou dois séculos, estes promoveu a soberania popular a partir das associações. No entanto, partes dos habitantes eram excluídos da participação.

⁹ Os embates relacionados ao poder e avareza são descritos por Boccaccio na Quarta Jornada da obra estudada.

Não há como negar isso: aos olhos do autor do Decameron, a origem da peste tem raízes sociais e históricas, e se a ira de Deus foi mencionada na introdução de seu livro, é apenas para corroborar a ideia de que a decadência dos costumes, as práticas das imoralidades e o exercício constante dos vícios levam inevitavelmente a uma espécie de doença social e coletiva. (NEPOMUCENO, 2008, p.105-6)

Tais concepções foram registradas pela evolução literária florentina¹⁰ existente no período, uma vez que, os intelectuais, não apenas vivenciaram a Peste Negra, mas também, frequentes guerras e motins. Os acontecimentos destacados provocaram um sentimento de apego pela morte física, e foram demasiadamente representados, pela a expressão do macabro. Jean Delumeau (2009, p.191) infere que:

Com um realismo mórbido, os artistas se esforçam em traduzir o caráter horrível da peste e o pesadelo acordado vivido pelos contemporâneos. Insistiram nos trespases fulminantes e naquilo que o contágio tinha de mais odioso, inumano e repugnante.

Diante do florescimento literário, destaca-se Giovanni Boccaccio (1313-1375), filho de um banqueiro, que possuía influências tanto em Florença quanto na França, local cujo nasceu. Boccaccio declara-se como poeta, estudioso das línguas e apenas em última instância como narrador de ficção, os idiomas que podem aparecer em suas escrituras são latim, e a nova língua construída em Florença. Visto que, tanto Giovanni Boccaccio quanto Petrarca procuraram seguir o novo estilo linguístico iniciado por Dante.

Segundo Ana Carolina Almeida (2016, p.216) o literário tinha uma importante participação política e inseria-se dentro da tradição humanista. Neste sentido, suas propostas eram referentes ao culto das virtudes dos homens, como também, o fortalecimento e a defesa do governo comunal, cujo sofrera durante o século XIV, com intensas lutas e tentativas de senhoriação. Sendo assim, Decameron¹¹ foi elaborada a partir de 1350, e, embora tenha sido escrita após o período mais crítico da peste, ela é inserida no contexto e narrada por um sobrevivente da epidemia. Esta literatura é formada por cem pequenos contos, nos quais são retratados um grupo de jovens que se entretém enquanto fogem da cidade de Florença, a qual por sua vez, está assolada pela peste. Estes três homens e sete mulheres saíam da cidade sem abandonar ninguém, buscando novas condições de vida.

¹⁰ “Florença viveu, no século XIV, um dos mais expressivos períodos de renovação cultural. Houve um crescimento da produção literária entre o final do século XIII e todo o XIV”. (2013, p.123)

¹¹ A palavra é formada por dois vocabulários gregos, deca: dez, e imera, dias ou jornadas. (BOCCACCIO, 2018, p.21)

A Primeira Jornada será o objeto em evidência deste artigo, pois é neste recorte que Boccaccio descrever as condições que se encontram a sociedade durante a peste. Todas as moças, segundo a narrativa, eram ajuizadas e de sangue nobres, foram dotas de ensino e comportamento honesto. A reunião destes jovens ocorreu por acaso, e diante dos suspiros em plena Igreja, Pampaneia, a mais velha, iniciou seu discurso alegando que é direito natural a preservação e a defesa da vida. Ao receber o apoio dos jovens foi eleita como Rainha para conduzir o primeiro dia de jornada. O início das jornadas expressa histórias de variados temas, relatando a imoralidade dos homens, o culto a santidades indevidas, a preservação dos bens, a imoralidade do clero, e questões culturais.

È válido lembrar que na Península Itálica, as ideias relacionadas à obra foram extremamente polêmicas, sua popularidade e valorização variou ao longo dos sete séculos de existência. Isto ocorre, principalmente, por ter sido a obra que inaugurou a lista dos livros proibidos, em 1559¹². Entretanto, apesar da imoralidade conceituada pelos homens de seu tempo, e a representação de uma concepção de vida distinta dos medos e dos desesperos vividos pelos jovens, é possível perceber que entre as novelas de Boccaccio, existem citações de provérbios que se relacionam com a história narrada. Segundo Todorov (1969, p.14) esta distribuição de aspectos católicos no texto é uma metáfora, ou até mesmo uma reflexão moralizante. Destaca-se o fragmento “o serviço que mais agrada a Deus é o de mandar o diabo para o inferno (...) o enganador fica finalmente a mercê de sua vítima” (TODOROV, 1969, p.14).

Sendo assim, apesar das construções de narrativas chocantes para o imaginário de sua época, o autor permanece inserido no seu contexto histórico, no qual existe a constante noção de luta contra o demônio, e por sua vez, contra os pecados. É importante enfatizar que o pecado é estabelecido a partir da relação dinâmica entre o corpo e alma, a qual constitui o homem medieval. Esta dinâmica existente foi interrompida pelo pecado original o que favoreceu a quebra da harmonia e uma relação de contínua tensão, na qual o homem possui um espírito enfraquecido e incapaz de se governar. (VECCHIO, 2017, p. 392).

A representação dos ritos fúnebres e a fé

“A morte é vista antes de tudo como transpasse, travessia, ultrapassagem de fronteira, de modo que as cerimônias fúnebres e as diferentes edificações, nas inscrições funerárias”

¹² Assim, o papa Paolo IV, ordenou a entrada de o Decameron ao Index librorum prohibitorum. Ainda assim, o Decameron constava no Index com uma observação fundamental: a de ser um texto exemplar da língua.(BASILE, 2015, p. 50)

(GIACOIA, 2005, p.14) representam a realidade sociocultural de cada civilização. Em virtude da pretensão da análise sob as visões da morte e a presença constante do medo na sociedade, aplicamos as teorias de Magalhães (1997, p.146). Este divide em três possíveis abordagens o estudo sobre a morte, estas são: “*morte sofrida*” referente à realidade histórica do momento; “*a morte vivida*” a qual busca a compreensão das práticas dos homens frente à morte, direcionando-nos para uma análise psicológica. E, “*o discurso da morte*”, o qual manifesta a presença inconsciente da morte em seu aspecto coletivo, atribuindo-o pensamento sociológico.

Sendo assim, “*a morte vivida*” é compreendida pelos rituais funerários, os quais são como uma cerimônia pública, e até mesmo, política, que principalmente, no século XIII tiveram suas estruturas intensificadas diante da construção incipiente dos Estados e da embrionária elaboração dos conceitos de soberania. No entanto, diante do período da Peste Negra, percebe-se a desestruturação destes ritos, em prol do conforto dos homens encarnados, que vivenciam a passagem de seus entes. Porém, em contrapartida, há o despertar dos discursos macabros reforçando os ideais apocalípticos da vida terrena.

Neste sentido, “o mundo dos defuntos foi cada vez menos encarado de maneira coletiva; doravante, a preocupação com a salvação individual que prevalecia sobre a vontade de preservar a memória ancestral” (LAUWERS, 2017, p.294). No início da obra, Boccaccio expressa às condições das relações humanas, enfatizando as mudanças de hábitos perante as condições sociais da época. Dessa forma, em sua narrativa, tornar-se clara a realidade dos habitantes, os quais se afastaram do cotidiano normativo de sua cidade, até mesmo, de suas relações interpessoais. Para Branca (1976, p.224), os laços teriam sido rompidos pela avidez da elite florentina, que visava apenas o lucro distanciando-se dos princípios do cristianismo. Portanto, a peste seria apenas a consumação e o resultado do castigo divino para população florentina, sendo novamente a peste utilizada como uma metáfora para o distanciamento do homem da moralidade.

Porém, é importante ressaltar os motivos da complexidade deste momento, pois, houve trágicas alterações do cotidiano impactando diretamente as interpessoais dos homens, que embora estivessem cobertas pelos pecados, eram demasiadamente públicas, uma vez que, os relacionamentos íntimos eram marcados pelo compartilhar dos estilos, dos cômodos e até mesmo das mobílias. Desta forma, tornar-se extremamente visível como a Peste Negra destruiu não só aqueles que contraíram a doença, como também todo ecossistema das sociedades medievais.

Esta peste foi de extrema violência, pois se atirava contra os sãos, a partir dos doentes, sempre que doentes e são estivessem juntos. Ela agia assim de modo igual aquele pelo qual procede ao fogo: passa às coisas secas, ou untadas, estando elas muito próximas dele. A enfermidade ainda fez mais. Não apenas o conversar e o cuidar de enfermos contagiavam os sãos como esta doença, por causa da morte comum, porém mesmo o ato de mexer nas roupas, ou em qualquer outra coisa que tivesse sido tocada, ou utilizada por aqueles enfermos, parecia transferir bulisse a doença referida. (BOCCACCIO, 1970, p.14)

Sendo assim, o fragmento literário demonstra de forma límpida o evitar dos moradores de abrir as janelas; o seu confinamento em casas e a necessidade de preservar a sua integridade física e moral, a qual inquestionavelmente caracterizava-se de formas intensas e extremamente complexas. Pois, de acordo com o imaginário medieval qualquer mísero contato com o doente seja pelo olhar, seja pelos objetos, poderia ocasionar o contrair da doença¹³. Visto isso, nas cidades que foram sitiadas pela peste, a presença do outro deixa de ser um conforto para tornar-se um fardo.

Vamos pôr de lado a circunstância de um cidadão ter repugnância de outro; de quase nenhum vizinho socorrer o outro; de os parentes juntos, pouquíssimas vezes ou jamais se visitarem, e, quando faziam entrara com tanto, estardalhaço no peito dos homens e das mulheres, que um irmão deixava o outro; o tio deixava o sobrinho; a irmã, a irmã; e frequentemente, a esposa abandonava o marido. Pais e mães sentiam-se enjoados em visitar e prestar ajuda aos filhos, como se o não foram (e esta é a coisa pior, difícil de crer.) (BOCCACCIO, 1970, p.16).

Sob este olhar, nem mesmo nas cerimônias fúnebres eram observadas as emoções familiares. Boccaccio (2018, p.36-37) narra que os túmulos antes carregados por homens honrados passaram a ser conduzido por aqueles que se propunham a assumir o cargo de coveiro. Sendo perceptível que o distanciamento era progressivo a cada moribundo, nem os profissionais da saúde tocavam nos doentes. Este também demonstra que, com sorte, aqueles que se encontravam à beira da morte podiam ser auxiliados pela caridade dos amigos.

A doença tem ritos que unem o paciente ao seu círculo; e a morte, ainda mais, obedece a uma liturgia em que se sucede toaleta fúnebre, um velório, em torno do defunto, colocação em ataúde e enterro. As lágrimas, as palavras em voz baixa, às recordações, a arrumação mortuária, às orações, o cortejo final, a presença dos parentes e dos amigos: elemento constitutivo de um rito de passagem que se devem desenrolar na ordem e na decência (BOCCACCIO, 2009, p.179).

¹³ Tamara Quírico (2012) destaca o pensamento de Agnolo di Tura, cronista o qual acreditava que o mal da Peste Negra era disseminado pelo hálito e pela vista. Já Jean Delumeau (2013, p.170) destaca que em 1350, a Faculdade de Medicina de Paris notificou que a Peste Negra era proveniente de uma constelação, que demonstrava uma corrupção que pairava as sociedades medievais.

Além disto, há o destaque para o despreparo do morto frente à morte, já que, para o imaginário cristão a extrema unção era um mecanismo considerado como a chave do paraíso, por esta razão, a cada ritual de sepultamento não realizado, era mais alma impedida de alcançar o descanso eterno.

Na Idade Média, a morte possui um estatuto jurídico, uma personalidade, traços marcados e bem definidos. À sua proximidade, sobrevivem o medo e o desespero. Creio que isto se dava justamente ao fato de ela não significar propriamente o fim. Ritual de passagem como quer a literatura cavaleiresca, ou prêmio de redenção para aqueles que chegaram ao termo de uma jornada dignamente cumprida, a morte encerra uma busca, quite. (MAGALHÃES, 1997, p.148)

O simbolismo dos rituais configurava o acordo dos homens com Deus, sendo assim, a recompensa seria a salvação do indivíduo após o realizar das propostas propagadas pela Igreja. Seguindo o pensamento de Jacques Le Goff (1987, p.332) “as fórmulas de doação pelas quais os doadores faziam alusão a seu desejo de salvar a alma designavam esta transação mágica pela qual Deus ficava obrigado para com o doador garantindo-lhe salvação.” Neste sentido, este pensamento é ilustrado pela narrativa da súplica ululante de Ciappelletto.

Ainda sim, rogo-lhe que, quando o senhor chegar aquele seu lugar, providencie para que venha a mim o voracíssimo Corpo de Cristo, que o senhor, toda manhã consagra no seu altar. Ainda que não seja digno dele, quero recebê-lo, se me permite. Em seguida, quero a santificada extrema unção, a fim de que, tendo levado vida de pecador, ao menos possa morrer como cristão. (BOCCACCIO, 1970, p.34)

Apesar das recompensas em prol do individualismo do falecido, no período da Peste o morto perdeu sua personalidade e sua unidade, sendo assim, a exclusividade da morte foi substituída e esvaziada pelas circunstâncias. A valorização da transição do mundo terreno para o mundo celestial se perdeu ao meio dos inúmeros corpos pela cidade e da tentativa de preservação da vida¹⁴. Em geral, os contemporâneos do período pestilento demonstram o desejo intrínseco de livrar-se dos mortos. Guiando-nos pelas narrativas de Boccaccio, não havia mais comoção nem carinho por aqueles que morriam. Os homens abastados cujo não possuíam vínculos afetivos estavam a mercê dos preços exorbitantes cobrados pelos empregados domésticos, os quais tinham como única função cuidar da saúde dos enfermos.

Diante disto, é possível imaginar a comercialização destes cuidados, Basile explica que “a avareza, a vontade de enriquecer, este desejo não natural nem necessário, custava caro aos

¹⁴ “Em período de peste pelo contrário o importante é livrar-se dos cadáveres depressa” (BOCCACCIO, 2009, p.180)

empregados: quando prestava alguns serviços para ganhar algo em troca, frequentemente eles mesmos se perdiam, junto com ganho alcançado”¹⁵ (2015, p.78). No entanto, existiam homens que deixava a vida terrena sem qualquer tipo de piedade humanas e cuidados psicocorporais.

O tratamento dado às pessoas mais pobres e à maioria da gente da classe média era ainda maior que a miséria. Em sua maioria tal gente era retida nas próprias casas, ou por esperança, ou por pobreza. Ficando, deste modo, nas proximidades dos doentes e dos mortos, os que sobreviviam ficavam doentes aos milhares por dia; como não eram medicados nem recebiam ajuda de espécie alguma, morriam todos quase sem redenção. Muitos eram os que findavam seus dias nas ruas, de dia ou de noite. Inúmeros outros, mesmo morrendo em suas residências, levavam seus vizinhos a não se manifestarem, mais por causa do mau cheiro dos próprios corpos em decomposição, do que por outro motivo. (BOCCACCIO, 1970, p.17)

Sob este aspecto, há diferentes relatos em narrativas e em textos acadêmicos sobre o auxílio de amigos no acompanhar da morte. A presença de pessoas ausente de qualquer laço sanguíneo pode ser relacionada com a existência dos grupos formados por penitentes. A existência destas organizações fora pontuada por Lauwers: “as confrarias laicas encarregadas de cuidar e orar pela salvação dos defuntos, multiplicou-se. Temendo morrer sozinhos, em se beneficiar de funerais decentes, os habitantes das cidades e vilas reuniam-se em associações de ajuda mútua”¹⁶ (2015, p.293).

Segundo a obra Decameron, os homens pobres cujo não tiveram a realização dos seus ritos foram abandonados em suas casas por seus familiares. Tiveram inúmeras vezes seus corpos retirados por vizinhos, que colocavam o defunto em frente das portas. “Principalmente de manhã, eram vistos, em quantidades incontáveis pelos que andavam perambulando pela cidade, e que, ao vê-los adotavam providências para preparo e à remessa dos caixões” (BOCCACCIO, 2018, p.36).

Com o falecimento dos religiosos inicia-se a problemática da morte, sem o devido cuidado espiritual, já que, graças ao pânico da contaminação, os tradicionais ritos de

¹⁵ A expressão destacada do fragmento de Basile, “eles mesmos se perdiam” refere-se a destes servidores pela contaminação, dado que, os baixos desenvolvimentos técnicos não impediam a propagação da praga.

¹⁶ Segundo Le Goff (1987, p. 25), a Igreja pregava que o remédio para as inseguranças relacionadas com o medo da morte era a solidariedade dos grupos, a fé e aproximação dos homens com a Igreja. Vale lembrar que ambição e o individualismo eram lidos como pecados, por isso, a coletividade do homem poderia ser tratada como um dos remédios para os homens. Sendo assim, o imaginário e as atitudes humanas eram baseadas em ações que os tornassem seguros em relações materiais, e principalmente, espirituais. Por isso, a colaboração entre a sociedade local trazia a ideia não só de solidariedade, mas também de obras divinas a quais deveriam alimentar a relação do divino com o homem. No entanto, a ausência das obras unidas com o pecado provoca “as calamidades naturais [que] eram para homens da Idade Média a imagem e a medida das realidades espirituais, fundamentos para o historiador dizer que o rendimento da vida moral para humanidade medieval tão fraco quanto o rendimento agrícola” (LE GOFF, 1987, p.25).

sepultamento foram abandonados conforme a ferocidade da peste.¹⁷ O relato de Avignon em 1348 destaca que “nenhum padre vinha ouvir a confissão do moribundo ou administrar-lhe os sacramentos” (ANDENNA, G. *apud* HERLIHY, 1995, p.62). Neste momento, os parentes já não procuravam contato com aqueles que tivessem contraído a peste, no máximo, contratavam o coveiro para que o ente fosse sepultado. Os enterros transmutaram-se no empoleirar dos diversos corpos em um mesmo caixão, os locais destinados ao sepultamento não foram o suficiente para abrigar tantos mortos.

Por isso, passaram-se edificar igrejas nos cemitérios, pois todos os lugares nessas igrejas, às centenas de cadáveres que iam chegando; e eles eram empilhados como as mercadorias nos navios; cada caixão era coberto, no fundo da sepultura, com pouca terra; sobre ele, outro era posto, o qual, por sua vez, era recoberto, até que se atingisse a boca da cova às rés do chão (BOCCACCIO, 1970, p.18).

Boccaccio relata que nem mesmo as terras sagradas eram suficientes para o enterro de todos os mortos que havia na cidade de Florença. Objetivando o cuidar da escassez de terra para as práticas religiosas do sepultamento, inicia-se a campanha da Igreja de construir edifícios nos cemitérios. Sem os poderes canônicos ou até mesmo de acordo com as legislações da época, as sociedades medievais encontravam-se à mercê das individualidades e dos desejos internos. “Com justiça maior, e sem ofender a quem quer que seja, cabe-nos, assim, como a quaisquer outras pessoas honestas, o direito de adotarmos as providências que estiverem ao seu alcance” (BOCCACCIO, 1970, p.20).

Os funcionários e os serviços de organização eram quase inexistentes, já que, os servidores e homens da lei encontravam-se impossibilitados de cumprir suas funções. Apesar do distanciar da população dos rituais e da celebração do luto¹⁸, estes costumes permaneciam presentes na realidade dos mais abastados. As emoções eram ensaiadas, a dor era teatralmente sentida, o choro era violentamente protagonizado e luto pelos nobres era formidavelmente vivido. “Quanto mais nobres eram os mortos e os sobreviventes mais heroico era o luto (...).

¹⁷ Quírico (2012, p.139) “Os sacramentos, assim, não eram vistos como absolutamente imprescindíveis pelos leigos – mas não pelos clérigos, deve-se ressaltar; a importância dos sacramentos é destacada ao menos desde o quarto Concílio de Latrão, em 1215. Parecia haver, no entanto, mesmo entre os leigos, a preocupação de morrer devidamente preparado. Afinal, os sacramentos finais estavam relacionados a ritos que buscavam amenizar a culpa pelos erros cometidos em vida e o medo de que o arrependimento pudesse ter vindo tarde demais.”

¹⁸E, em meio a tanta aflição e miséria da nossa cidade, a veneranda autoridade das leis divinas e humanas estava quase totalmente decaída e extinta porque seus executores, assim como outros homens, estavam mortos ou doentes, ou então se encontravam tão carentes de servidores que não conseguiam cumprir função alguma; por este motivo era lícito a cada um fazer aquilo que bem entendesse (BOCCACCIO, 2013, p.29).

Durante todo um ano a rainha da França não abandonará o quarto onde recebeu a notícia da morte de seu cônjuge” (HUIZINGA, 1978, p.50).

Considerações finais

Decameron é uma importante obra que marca um período complexo de pestes, mortes, modificações econômicas e sociais, e as transformações da literatura, política e língua da cidade de Florença. No entanto, como toda produção artística é necessário que o historiador analise o abstrato contido em suas linhas. Por esta razão, unindo o posicionamento político de Giovanni Boccaccio e a literatura produzida, é facilmente identificado que seu objetivo ultrapassa a necessidade da representação dos distanciamentos dos seus ritos e dos altos níveis de mortandade existentes na Península Itálica.

Sendo assim, a partir da linguagem simbólica o literário propõe uma reflexão ao comportamento dos homens da época. Visto que, estes estariam imersos aos pecados da corrupção, avareza e egoísmo, uma vez que, mesmo antes da grande crise se alastrar pelo território florentino os laços familiares estariam fragilizados.

Sob este prisma, Decameron propõe a vista epidemia como a metáfora objetivando a moralização da sociedade, visando o retorno ao equilíbrio apropriando-se do imaginário social para organização pedagógica da sociedade.

Documentação

- BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. São Paulo: Abril, 1970.
BOCCACCIO, Giovanni. *Decameron*. Porto Alegre: L&PM, 2013.
BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Referências

- ALMEIDA, Ana Carolina. A ideia de virtude no final da idade média: um estudo comparativo entre o seu uso político em Florença, no século XIV, e em Portugal na segunda metade do século XV. IN: *Revista Signum*. Paraná: Universidade Estadual de Londrina, 2011.
ALMEIDA, Ana Carolina. A recriação de Florença por Giovanni Boccaccio através do DeCameron (1349-1351). IN: *Revista Diálogos Mediterrânicos*. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2013.
ANDENNA, G. “Effetti della peste nera sul reclutamento monastico e sul patrimonio ecclesiastico”. In: *La Peste Nera. Dati di una realtà ed elementi di una interpretazione*. Atti del XXX Convegno storico internazionale. Spoleto: Centro italiano di studi sull’Alto Medioevo, 1994
BACZKO, Bronislaw. *Los imaginários sociales : memorias y esperanzas coletivas*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1991.
BASILE, Thiago. “Alusão ao epicurismo na moldura narrativa de o decameron, de Boccaccio” Campinas, 2015.
BARROS, José D’Assunção. A história Cultural e a contribuição de Roger Chartier. In: *Diálogos*. Paraná: Universidade Estadual de Maringá, 2005.

- BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- CANDIDO, Maria Regina et al. Novas perspectivas sobre a aplicação metodológica em História Antiga. In: *A Busca do Antigo*. Rio de Janeiro: Trarepa, Nau, 2011.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*, Lisboa: DIFEL, 1990.
- CAVALLARI, Doris; BASILE, Thiago. *Sobre Giovanni Boccaccio: Principais Estudos dos Pesquisadores Vinculados às Universidades Estaduais Paulistas*. IN: Revista de Italianística, 2015.
- DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente 1300-1800: Uma Cidade Sitiada*. Tradução Maria Lúcia Machado; — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- GIACCOIA, Oswaldo. *A visão da morte ao longo do tempo*. In: Medicina (Ribeirão Preto). São Paulo: USP, 2005.
- HUIZINGA, Johan. *O declínio da Idade Média*. São Paulo: Verbo – Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.
- LAUWERS, Michel. Morte e Mortos. In: *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval*. São Paulo: UNESP, 2017.
- LE GOFF, J; BIRABEN J-N. La peste dans de Haut Moyen Âge. In: *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*. 24^e année, N. 6, 1969. pp. 1484-1510.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Lisboa: Estampa. 1987.
- LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Vol. II 1984, Lisboa: Estampa. 2005.
- MAGALHÃES, Ana. “BRAEL, Herman & VERBEKE, Werner (eds.) *A morte na Idade Média*. (Ensaio 8) In: *Revista de História* 137. São Paulo, 1997.
- MATTOS, Claudia Valladão de. Arquivos da Memória: Aby Warburg, a História da Arte e a Arte Contemporânea. In: *II Encontro de História da Arte*. São Paulo: UNICAMP, 2006.
- NEIVA, Eduardo. Imagem, história e semiótica. “Artigo” In: *Anais do Museu Paulista Nova Série*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.
- NEPOMUCENO, Luís André. O Decameron e a Peste como metáfora. IN: *Revista Alpha*. Minas Gerais: Centro Universitário de Patos de Minas, 2008.
- ORLANDI, Eni. *Análise do Discurso: Princípios & Procedimentos*. São Paulo: Pontes, 1996.
- QUÍRICO, Tamara. Peste Negra e escatológica: os efeitos da expectativa da morte sobre a religiosidade do século XIV. “Artigo” In: *Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*, ISSN 1676-5818, 2012.
- SEVCENKO, Nicolau. *O Renascimento*. São Paulo: Editora Unicamp, 1984.
- TODOROV, Tzvetan. *A Gramática do Decameron*. São Paulo: Perspectiva S.A, 1969.
- VECCHIO, Carla. “Pecado” In: *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: UNESP, 2017.